

A LENDA DAS FILHAS DO ARCO-ÍRIS

Eldio Pinto da Silva (PPgEL-UFRN)
eldiopinto@hotmail.com

Introdução

Este trabalho analisa a lenda do arco-íris no romance *As Filhas do Arco-Íris*, de Eulício Farias de Lacerda. Nesse sentido, buscou-se destacar que em diferentes civilizações, o arco-íris mantém uma diversificação cultural, isto porque o fenômeno guarda seu lugar entre lendas, mitos e pode ser contado de acordo concepção de cada povo, seja por causa de sua beleza, seja pela dificuldade em explicá-lo cientificamente. A lenda do arco-íris se diversifica em civilizações como gregos, hindus, chineses, egípcios, irlandeses, etc.

Eulício Farias de Lacerda escreveu contos, romances e novelas, sempre deixando transparecer sua preocupação com a linguagem. Seu primeiro lançamento ocorreu na maturidade, sendo cuidadoso com a escrita, daí que sua produção literária se resume em poucos títulos. Sua estreia foi com a obra *O Rio da Noite Verde*, a qual recebeu o Prêmio “Câmara Cascudo” em 1972. Em 1980, publicou, pela Editora Ática, o romance *As Filhas do Arco-Íris*, obra integrante da *Coleção de autores brasileiros: o retrato do Brasil através da Literatura hoje*. A obra de Eulício Farias se completa com *Os Deserdados da Chuva*, contos publicados em 1981, as novelas *O Dia em que a Coluna passou* (1982) e *O Galope do Cavalo na Noite* (1988) e o romance *Saci Pau-Brasil* (1992). Em 1994, publicou *Sintaxe Portuguesa e Léxico Básico de Literatura*.

O romance *As Filhas do Arco-Íris* foi estruturado em doze episódios, que podem ser descritos como pequenos contos. Os episódios possui uma dinâmica temporal equivalente ao período de um ano, cada um se refere a um mês. O leitor não precisa se preocupar com encadeamento da narrativa, uma vez que os capítulos podem ser lidos aleatoriamente que não perderão o sentido narrativo. O início e o final da narrativa se interligam como se os acontecimentos fizessem um retorno e voltassem a acontecer.

A narrativa reúne contos, lendas, mitos e locuções orais, aspectos da tradição oral como ponto de partida para a tradição de ruptura. Esses aspectos da cultura popular consolidaram a Literatura Brasileira durante o século XX. É necessário destacar que em *As Filhas do Arco-Íris* o desenvolvimento de elementos orais, a estruturação do conto popular e o romance com características regionalistas seguem os parâmetros dos romances publicados entre os anos 1930 e 1950. Desse modo, *As Filhas do Arco-Íris* demonstrou ser um exercício da experiência regionalista inserida no romance contemporâneo, pois sua primeira publicação ocorreu em 1980.

A lenda de *As Filhas do Arco-Íris* é um caso de mistério, serve como uma das histórias de Pai Estêvão, faz parte da imaginação da comunidade, que regida de costumes, fixa valores locais, e entre esses os de lendas e aventuras que marcam a memória do menino que percebe mudanças modernas/urbanas na vila. A lenda transgredir a tradição popular por apresentar cinco personagens (mulheres) que passaram pelo arco-íris. Pela configuração do arco-íris em sete cores, as filhas deveriam ser sete, mas não são e seu narrador não revela com facilidade quem seriam as cinco, seus nomes, o que fazem e porque se transformaram.

A magia da imaginação da comunidade em Gurinhatá mobiliza o leitor para elaborar um parâmetro que possa facilitar uma maneira de descobrir as filhas do arco-íris. Esta pesquisa tem por base os postulados de estudiosos folclore e teóricos da

literatura, entre eles: Câmara Cascudo, Walter Benjamin, Lígia Chiappini, Jacqueline Held e outros.

1. O arco-íris

O arco-íris, em diferentes civilizações, mantém uma diversificação cultural, isto porque o fenômeno guarda seu lugar entre lendas, mitos e pode ser contado conforme a concepção de cada povo, seja por causa de sua beleza, seja pela dificuldade em explicá-lo cientificamente. Entre as muitas tradições populares, o arco-íris recebe inúmeros nomes como: arco, arco-celeste, arco-do-céu, arco da aliança, arco-da-chuva, arco-da-velha, arco-de-deus, arco balento. Em *Informação da História e Etnografia*, Câmara Cascudo informa que o arco-íris não é amigo dos agricultores por beber a água dos rios, dos açudes e lagoas. Nesta tradição, é preciso que o homem do campo faça filas de pedrinhas, de gravetos, pauzinhos em linhas retas para acabar com o arco-íris:

O sertanejo não gosta do arco-íris porque furta a água. No litoral se distrai bebendo água nos rios, lagoas, fontes. Ao principio da sucção é fino, transparente, incolor. Depois fica largo, colorido, radioso. Farto, desaparece. Quando se dissipa, deixa o céu limpo, de névoas, nuvens anunciando chuvas. Há um remédio para fazê-lo ir-se embora. O arco-íris é inimigo das linhas retas. Riscam desenhos direitos, põem filas de pedrinhas, gravetos, pauzinhos. O arco desmancha a galhardia seticolor, e viaja. (CASCUDO, 1962, p. 73-74).

No acervo mitológico de civilizações como gregos, hindus, chineses, egípcios, irlandeses, etc, a lenda do arco-íris se diversifica. Na Mitologia Irlandesa, no fim do arco-íris há um lugar secreto onde os duendes escondem um pote de ouro. Na Mitologia Chinesa, o fenômeno é uma abertura no céu, marcada pela deusa Nüwa utilizando pedras de sete cores. Em referência a Mitologia Grega, o arco-íris é o caminho feito por uma mensageira (Iris) entre a terra e o céu. A Mitologia Hindu chama o arco-íris de Indradhanush e significa o arco de Indra, a deusa dos raios e trovões, distribuidora da chuva fecundante e protetora dos árias. Os hindus representam esta deusa com trajés régios montada num elefante chamado Airavatá. A Mitologia Norueguesa define o arco-íris como “a ponte Bifröst”, a qual conecta o reino de Asgård (lar dos deuses) e Midgård (moradia dos homens).

De acordo com as ciências naturais, um arco-íris surge quando o Sol aparece no fim de uma chuva e provoca a refração da luz nas gotículas de água. Conforme a teoria da físico-química, esse fenômeno da natureza é provocado pela água na atmosfera e a luz solar. Portanto, é resultante da dispersão de luz solar em gotículas de água suspensas no ar, sendo observado como um conjunto de arcos de circunferência coloridos com as cores do espectro solar. Segundo Da Costa e Silva:

Deve-se ao famoso astrônomo inglês, George Biddell Airy, a primeira teoria completa sobre o arco-íris. Origina-se da refração e reflexão dos raios solares nas gotas de chuva, sendo que suas cores dependem do diâmetro destas. A cor violeta permanece no bordo interno do arco e a vermelha no externo. As sete cores do espectro solar, em sua ordem, são: vermelho, roxo, verde, amarelo, azul, alaranjado e anil. (DA COSTA E SILVA, 1968, p. 158-159).

No âmbito popular, a concepção da refração de luz não recebe muita credibilidade, Câmara Cascudo explicita que “as pessoas não crêem que se origine da reflexão dos raios solares nas gotas de chuva, projetando a decomposição das cores espectrais.” (CASCUDO, 1971b, p. 43-44).

O nome “arco-da-aliança” provém da história bíblica que, depois do dilúvio, é o sinal do pacto entre Deus e a humanidade. Deus enviou um arco-íris para confirmar a aliança com os homens e prometeu que nunca mais haver dilúvios para destruir o mundo:

E disse Deus: Este é o sinal do pacto que firmo entre mim e vós e todo ser vivente que está convosco, por gerações perpétuas: O meu arco tenho posto nas nuvens, e ele será por sinal de haver um pacto entre mim e a terra. E acontecerá que, quando eu trazer nuvens sobre a terra, e aparecer o arco nas nuvens, então me lembrarei do meu pacto, que está entre mim e vós e todo ser vivente de toda a carne; e as águas não se tornarão mais em dilúvio para destruir toda a carne. O arco estará nas nuvens, e olharei para ele a fim de me lembrar do pacto perpétuo entre Deus e todo ser vivente de toda a carne que está sobre a terra. (Gênesis: 9: 12-16).

O arco-da-velha, em *Locuções Tradicionais do Brasil* significa complicação, reunião de coisas disparatadas, acontecimentos imprevistos:

Coisas do arco-da-velha! Inimagináveis. Em Portugal, arco-da-velha é o arco-íris, fonte das nossas superstições relativas ao meteoro. As indígenas não merecem repercussão penetrante na memória brasileira. O arco é denominação comum, dizem beber águas correntes e mesmo dissolver a chuva ameaçada pelas nuvens escuras. *Cras pluit, arcus bibit*, de Plauto. Quem passa por debaixo do arco-íris muda de sexo.. (CASCUDO, 1977, p. 89).

Em *Literatura Oral no Brasil*, o autor discorre sobre a concepção indígena da origem da lua, das estrelas e do arco-íris:

A moça Iaçá não queria casar-se e sua mãe batia-lhe por esse motivo, obrigando-a a dormir ao relento. Iaçá pediu que lhe abrissem a porta mas sua mãe veio com um terçado e degolou-a, atirando o corpo ao rio e deixou a cabeça no chão. (...) Eu vou ser Lua! decidi. - Pediu que a mãe atirasse para fora dois novelos de linha e chamou o Urubu que vive na banda de dentro do Céu. O Urubu veio, ouviu-a e voltou para o Céu levando os dois novelos de linha. Prendeu-os à cabeça e agarrrou-os como os dentes e subiu, subiu, transformando-se em Lua. Arrancou os olhos e esses se tornaram estrelas. Seu sangue ficou sendo o Arco-Íris. (CASCUDO, 2006, p. 109-110).

As narrativas indígenas sempre acontecem num ambiente heróico, há um clima de suspense, de mistério e sobrenatural, tudo serve para propagar e reproduzir a cultura indígena em que se celebram façanhas de heróis. Para Câmara Cascudo, as narrativas indígenas sempre utilizam um ambiente em que “quase sempre o sobrenatural é indispensável. É uma lenda. (...) é preciso crer porque elas se articulam com o patrimônio da tribo que hospeda.” (CASCUDO, 2006, p. 105). O processo evidencia que eles procuravam na sua tradição explicar o mundo naturalmente e se destaca pela

resistência de lendas e mitos, expressando, com seus relatos, a vida misteriosa e assombrosa nas matas e florestas.

2. *As Filhas do Arco-Íris*

Em *As Filhas do Arco-Íris* se revela uma realidade entre o tradicional e o rural num misto de vida e fantasia, filiando-se a uma vertente da ficção brasileira. O escritor utiliza o cenário do sertão nordestino para estabelecer uma articulação entre a paisagem regional e a nacional, entre a literatura considerada erudita e a popular na busca de construir um regionalismo lúdico, crítico e social. A respeito dessa tendência, Ligia Chiappini afirma, em artigo publicado na revista *Estudos Históricos*, que:

Um levantamento bibliográfico feito em 1992-93 e o contato com vários especialistas no assunto em diversas universidades européias confirmaram uma suspeita: a de que o regionalismo, que setores da crítica literária brasileira consideravam uma categoria ultrapassada, continuava presente e, até mesmo, tinha-se tornado tema de pesquisas muito atuais, ganhando uma amplitude maior na intersecção dos estudos literários e artísticos, históricos e etnológicos. E de que, naturalmente, o incremento de tais estudos se devia, em grande parte, ao reaparecimento dos regionalismos, como decorrência — só aparentemente paradoxal — da chamada globalização. (CHIAPPINI, 1995, p 154).

Enfim, Eulício Farias de Lacerda apareceu na literatura nos anos 1970, trazendo o sopro da ficção contemporânea.¹ Buscava assim, aliar seu conhecimento sobre literatura à sua capacidade de construir narrativas. Sobre Eulício Farias de Lacerda, Tarcísio Gurgel afirma: “O mais importante ficcionista moderno do Rio Grande do Norte praticamente inaugura entre nós a figura do autor que, vencendo absurdos preconceitos, buscou aliar a sua capacidade de criar, ao conhecimento profundo da literatura”. (GURGEL, 2001, p. 131). Em *As Filhas do Arco-Íris*, o autor elenca procedimentos e técnicas modernas para enriquecer seu processo de criação artística literária. Como conhecedor do folclore, da cultura popular e da linguagem rural, Eulício Farias produziu sua obra sintonizada às conquistas da narrativa moderna. Ao definir os autores que surgiram nos anos 1970.

Em *As Filhas do Arco-Íris*, a lenda é apresentada conforme a tradição oral brasileira, como também confrontada às tradições provindas de Portugal, que deixou registros entre os nativos. No decorrer das primeiras palavras da narração, observa-se uma gradação com o movimento das nuvens, o mundo em evolução e a chuva percorrendo o espaço do céu e, em seguida, o arco-íris abre o caminho para que o leitor entre na estória:

...Crescem as sombras e as coisas aumentam de volume. As casas, as árvores, os animais. No poente, rei sol e o vermelho dos carneirinhos, no alto. CARNEIRINHO, CARNEIRÃO, NEIRÃO, NEIRÃO, OLHA

¹ Tânia Pellegrini ressalta: “(...) não parece obvio optar pelo “vazio cultural”, pura e simplesmente, para definir a década de 70. Há muitas nuances, as relações são muito mais complexas, não podendo ser estabelecidas em padrões lineares de causa e efeito. Apesar da aparente dominação e/ou manipulação de um Estado militarizado, sobretudo através do aparelho censório, há rupturas e focos de resistência dentro do conglomerado opaco e escuro.” (PELLEGRINI, 1996, p. 9).

PRO CÉU. Rei sol esqueceu os covões do Já-Foi? O Medo faz as chuvas se esconderem lá, os ventos. (LACERDA, 1980, p. 9)²

Na articulação da narrativa com o leitor, a lenda do arco-íris se desenvolve através de uma série de acontecimentos subentendidos nas reticências, mas não há obscuridade, logo “crescem as sombras”, que vão gerando dúvidas, as nuvens no céu são contadas em forma de carneirinhos. Na sequência, o menino lembra a cantiga de roda, ele quer brincar com o leitor. Então, prepara-se a formação de uma roda com os leitores e ele é a criança escolhida para o centro. Vai cantando e contando a história da sua vida, as lendas, os mitos e as tradições em Gurinhatá. O narrador pede para o leitor se aproximar e observar a estória que se desenvolve, para ver a formação da lenda do arco-íris, assim, o texto procura seduzir o leitor através do movimento gradativo, criando uma atmosfera de mistérios e enigmas, controlando o percurso de seu olhar e orientando a leitura de modo a obter os resultados desejados e recíprocos. A reciprocidade entre o leitor e o texto implica em um processo de interferências mútuas: “ao mesmo tempo em que a estrutura oferece possibilidades de combinações para que o leitor se reconstitua neste apelo de arranjo ideativo, o leitor, na participação assim conduzida, constrói esta mesma estrutura.” (BORBA, 2003, p. 35). Então, o texto é processado pelo leitor, ocorrendo a interação texto/leitor que, a partir de contingências estáveis e transformadoras, o conduz à significação. E segundo Zumthor: “A leitura se enriquece com toda a profundidade do olhar.” (ZUMTHOR, 2000, p. 86).

No trecho a seguir, o narrador chama a atenção do homem do campo para ter cuidado e proteger a água do rio senão o olho de boi vai sugá-la:

Agora é o olho-de-boi que vem crescendo. E as sombras, não. Vem ver, gente, o olho-de-boi bebendo a água do rio. Mudar de sexo quem quer? Elas foram, antes, meninos bebidos por um arco-da-velha igualzinho a esse numa manhãzinha de chuva. Pai Estêvão sabe? Paisagens. As sete cores que são cinco e as folhas azuis da Árvore que não é. Ah, o mistério começa na outra margem. (p. 10).

“Agora é o olho-de-boi que vem crescendo.” Esta expressão caracteriza o desenvolvimento da narrativa, a estória sobre as filhas do arco-íris está sendo montada. O narrador quer que o leitor observe o arco-íris por duas vias, primeiro como movimento de sucção das águas do rio (Vem ver, gente, o olho-de-boi bebendo a água do rio.); logo depois pergunta se o leitor quer ser bebido pelo arco-celeste (Mudar de sexo quem quer?). Aos poucos, o narrador expõe que a narrativa vai ser habitada por muitos mistérios que tem início na outra margem.

Na narrativa de *As Filhas do Arco-Íris*, seus personagens são homens do sertão. Na pequena vila de Gurinhatá encontram-se tipos como bêbado, cego, louco, meninos, velhos, contadores de estórias, fazendeiros, negros, cantadores, etc. Os personagens tentam realizar seus objetivos e vivem situações estranhas e alheias à realidade, mas que não chegam a se afastar do complexo da vida e da existência humana. Então, os conflitos como a fome, a pobreza, a seca, o mistério da vida e o medo da morte desfilam na obra. O personagem central é o menino, ele registra e observa a vida cotidiana de seus tios, tias e dos moradores da vila. É ouvindo as estórias de Pai Estêvão que mitos e

² Todas as citações de *As Filhas do Arco-Íris* terão como referência a edição de 1980. Portanto, será indicada apenas o número da página da obra em questão, outras obras de Eulício Farias de Lacerda terão como referência o ano e a página.

lendas se estabelecem no imaginário popular da comunidade. A seguir, um trecho da obra em que o menino fala sobre sua relação com seus familiares, e procura situar-se na narrativa para melhor esclarecer ao leitor como se estabelece o seu modo de narrar:

A uma légua da vila fica o sítio de tio Liopordo. Tio Liopordo era casado com a irmã de tia Jana, a tia Iná. Tia Iná só me chamava de Sobrinho e era uma festa, quando eu ia passar um fim de semana com eles. O casal só tinha uma filha, a Isaura, mais velha do que eu e que morreu três meses antes de tia Iná, o ano passado. A morte da filha e da esposa e as coisas estranhas que aconteceram ali deixaram meu tio Liopordo arrasado. (p. 31-32).

O narrador apresenta algumas estórias de Gurinhatá, mostrando-se um profundo observador. Percebe-se também que ele guarda seu nome como um segredo. Os fatos são relatados para o leitor mostrando que uma série de mistérios envolve a narrativa. Na vila, ninguém o chamava pelo nome: “Menino, medo faz a vinha e não o vinhateiro.” (p. 13); “Ninguém, menino, tinha coragem de passar uma hora dessa, por aqui.” (p. 14); “Lá está o menino da doida se perdendo no meio daqueles vagabundos da venda.” (p. 18); “Menino, em terra de cego quem tem um olho é rei.” (p. 90). Nem mesmo seus parentes: “Tia Iná só me chamava de Sobrinho” (p. 31); “Cuidado, Sobrinho, pra não cair no porão. Água de açude é traiçoeira, é água morta.” (p. 32).

Em *As Filhas do Arco-Íris*, a lenda do arco-íris é um caso de mistério, serve como uma das estórias de Pai Estêvão, faz parte da imaginação da comunidade, que regida de costumes, fixa valores locais, e entre esses os de lendas e aventuras que marcam a memória do menino que percebe mudanças modernas/urbanas na vila. É apresentada aos moldes da tradição oral brasileira, como também confrontada às tradições provindas de Portugal, em o arco-da-velha é algo espantoso, inacreditável, inverossímil. A lenda transgride a tradição popular por apresentar cinco personagens (mulheres) que passaram pelo arco-íris. Pela configuração do arco-íris em sete cores, as filhas deveriam ser sete, mas não são e seu narrador não revela com facilidade quem seriam as cinco, seus nomes, o que fazem e porque se transformaram. Assim, a magia da imaginação da comunidade em Gurinhatá mobiliza também o leitor para elaborar um parâmetro que possa facilitar uma maneira de descobrir as filhas do arco-íris.

A lenda do arco-íris vai se desenvolvendo com uma série de acontecimentos que “crescem nas sombras”, as nuvens no céu se espalham e o menino conta “carneirinhos” para tentar dormir, logo depois da chuva se apresenta a formação do arco-íris. O texto produz um movimento gradativo de mistérios e enigmas. No trecho a seguir, o narrador mostra como a comunidade conhece a lenda do arco-íris, o que chama a atenção é o modo como pede para o leitor observar o olho de boi sugando a água do rio. Vina e Jana são duas mulheres misteriosas, uma delas é chamada “burrinha de padre” e a outra de “bebe ovos”, elas são filhas do arco-íris. Jana, apesar de sofrer distúrbios mentais, tem sob sua guarda o menino. O narrador se refere às filhas do arco-íris questionando:

Tia Jana... A bebe-ovos não deixou um. Tou fraca! O vestido de Vina tinha as sete cores. Antes, elas foram meninos bebidos por um arco-íris? Estórias.

(...)

Entra, menino, senão esse olho-de-boi te bebe. As sete cores que são cinco e as folhas azuis da Árvore que não há . . . (1980, p. 16).

É dessa maneira que as estórias habitam o imaginário, “sete cores que são cinco”, elas são as filhas do arco-íris. E Vina, veste sete cores, as cores do arco-íris, mas na vila é motivo de boatos, falam de um caso com padre e para fugir das más línguas, foi enviada para o Seridó: “A brusca ida de Vina para o Seridó (segundo os boatos), em estado de gravidez, deixou-o confuso.” (p. 37). A lenda se caracteriza pela mudança de sexo, na narrativa a lenda se refere a mulheres que são habitantes de Gurinhata, mas quais seriam estas mulheres? O narrador não expõe com muita clareza cada uma delas, mas as filhas do arco-íris são cinco. E a árvore das folhas azuis? A Árvore não há... Quanto às filhas do arco-íris, é possível encontrá-las porque elas ganham uma designação especial na narração:

Jana: Hora da tia Jana procurar ovos de guiné. Ah, parece que a diaba *da bebe-ovos* andou por aqui? Tou fraca! Tou fraca! Mania de tia Jana. Ovos de galinha, de guiné, de passarim e de tudo que é bicho que põe. Ri-se o doido do maluco? Pobre tia Jana! (p. 10).

Vina: Os boatos que ele espalhou de ter visto Vina transformada em burrinha-de-padre são apenas fruto da imaginação doentia daquele negro mentiroso e covarde. Burrinha-de-Padre, na boca do povo ignorante, é a amante de um sacerdote. (p. 37).

Dasdores: Zé Pepeu cada dia pior: mais ladrão e mais miserável. Nô Joaquim enganava-o de todos os modos, explorava-o de todos os lados e ainda o ameaçava de pô-lo na cadeia como ladrão de cabras. Nela ninguém também confiava. Só, às vezes, é que a doida do finado Lau lhe chamava pra lavar a roupa de casa. Dasdores, tia Jana vai lhe pagar essa lavagem com uma cuia de ovos de passarim. Ninguém, ninguém mais pronunciava o seu nome. (p. 26).

Inês: Razão tinha o cego, na calçada da igreja: Pereirinha, *Inês é faca de dois gumes*, no escuro, e ninguém sabe qual o lado mais amolado. (p. 44).

Ana Amália: Ana Amália era *afilhada de São Jorge* e não existia dragão besta nenhum que ousasse aproximar-se dela. (p. 23). Depois, Ana Amália não era também uma das filhas do arco-da-velha do entardecer? Lendas. (p. 89). (grifos nossos).

A cinco mulheres mais destacadas na narrativa representam as filhas do arco-íris: Jana (doida), Vina (burrinha-de-padre), Dasdores (mulher Zé Pepeu, o ladrão de cabras), Inês (faca de dois gumes) e Ana Amália (afilhada de São Jorge). Como se percebe, cada mulher vive uma vida conturbada, algumas sofrem pelo abandono, outras pela discriminação, também pelo desejo de homens em raptá-la de Gurinhata. Os momentos e situações vividos pelas mulheres se desenvolvem pelas relações com os homens, isso serve para se compreender o desenrolar de suas atitudes.

Em *As Filhas do Arco-Íris*, destacam-se elementos do folclore, observações do movimento dos astros para demarcar as tradições do sertanejo, demonstrando que o autor elaborou a narrativa com esta sistemática para imprimir uma nova roupagem ao romance contemporâneo. Dessa maneira, realizou uma obra que demonstra que a tradição regionalista permanece rompendo padrões literários. E apesar do momento turbulento da ditadura militar de 1964 a 1984, *As Filhas do Arco-Íris* (1980) expôs um regionalismo literário através da tradição oral e ampliou o acervo de obras que se

propuseram ao projeto de realçar os aspectos local, social e cultural do país, como também destacaram a importância da chamada literatura oral com contos, mitos, lendas, adágios e provérbios.

Desse modo, Eulício Farias tenta se distanciar do modelo desenvolvimentista e industrial dos anos 1970 para confrontar esse modelo com a realidade do sertão, destacando que os problemas sociais e econômicos do Nordeste ainda afetam a região. Isso evidencia uma renovação artística e formal para a época em que viveu e, apesar de já existir uma série de narrativas regionalistas publicadas desde os anos 1930, todas as obras lacerdianas ganham características próprias à medida que são produzidas.

Para quem escreve, o peso da tradição pode ser percebida no arcabouço de sua narratividade se o leitor for atento, observador e conhecedor dos elementos influenciadores permeados na narração, pois há sempre apresentação na representação, fruto de imaginação alimentada por diversas estéticas e estilos literários como também de sua vivência para produzir um fantástico mundo. Nesse sentido, destaca-se a fala de Jacqueline Held: “O escritor só pode partir daquilo que ele é e daquilo que vive. Toda criação fantástica – como vimos – tem sempre suporte real. É precisamente o que a torna viva, acreditável, enfim *humana*. (HELD, 1980, p. 152). E como ressalta Roland Barthes:

A escritura é com efeito, em todos os níveis, a fala de um outro, e podemos ver nessa reviravolta paradoxal o verdadeiro “dom” do escritor; é preciso mesmo que aí o vejamos, já que essa antecipação da fala é o único momento (muito frágil) em que o escritor (como o amigo compadecido) pode fazer compreender que está olhando para o outro; pois nenhuma mensagem direta pode em seguida comunicar que a gente se compadece, a menos que se recaia nos signos de compaixão: somente a forma permite escapar à irrisão dos sentimentos, porque ela é a própria técnica que tem por fim compreender e dominar o teatro da linguagem. (BARTHES, 2007, p. 20).

Em *As Filhas do Arco-Íris* se encontra uma série de elementos orais mesclada ao imaginário. Além da lenda das filhas do arco-íris, há situações que se tem a presença de mitos acompanhados de mistérios, assombrações, entes fantásticos como Boitatá, Pai-do-Mato, São Jorge, a lenda do arco-íris e das filhas do arco-íris.

Conclusão

A lenda das filhas do arco-íris se incorpora ao cotidiano de Gurinhatá e nesse espaço de aventuras se cria um mundo de fantasias, com propriedades que demonstravam a marca oral, principalmente por Pai Estêvão contar “causos” e lendas para a comunidade. Em *As Filhas do Arco-Íris*, a lenda dá um novo sentido às experiências do menino da doida e a comunidade de Gurinhatá, contribuindo para se compreender os mistérios da vida e dos grandes e pequenos problemas do cotidiano.

Enfim, em *As Filhas do Arco-Íris*, os elementos do folclore, as observações do movimento dos astros servem para demarcar a experiência e as tradições do sertanejo. Nesse sentido, a experiência e a vivência com lendas aguçam a imaginação para se elaborar uma nova realidade, confirmando o que Walter Benjamin expressou no texto “O narrador”: “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se

distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” (BENJAMIN, 2002, p. 198).

Em *As Filhas do Arco-Íris*, Eulício Farias de Lacerda apresenta elementos da tradição oral e demonstra que a narrativa sobre o sertão e o sertanejo não está esgotada como tendência de produção literária, pois a literatura não se encerra num momento histórico, ela se transforma cada vez que é retomada atravessando a história das civilizações. Cabe dizer que um escritor quando segue uma tendência, o faz pensando nos valores culturais que representa, e ao mesmo tempo tenta encontrar elementos para superar as dificuldades que possam estar intrínsecas à ficção que produz. A seu modo, o escritor utiliza recursos de diversas perspectivas e épocas distintas, deixando transparecer sua leitura de mundo e suas experiências de vida.

Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland. *Crítica e a verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 3ª ed., 2ª reimpr., São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 10ª reimpressão, São Paulo: Editora Brasiliense, 2002.
- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada*. Tradução por José Ferreira de Almeida: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- BORBA, Maria. *Teoria do efeito estético*. Niterói: EDUFF, 2003.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. 10ª ed., Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.
- _____. *Literatura Oral no Brasil*. 3ª ed., São Paulo: Global, 2006.
- _____. *Locuções Tradicionais no Brasil*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.
- _____. *Seleção*. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1972.
- CHIAPPINI, Lígia. DO BECO AO BELO: dez teses sobre o regionalismo na literatura. IN: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.8, n.15, 1995, p. 153-159.
- DA COSTA E SILVA. *Dicionário do Universal de Curiosidades*. Vol. 1-5. São Paulo: Comércio e Importação de Livros S.A., 1968.
- HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. Trad. Carlos Rizzi. São Paulo: Summus Editorial, 1980.
- LACERDA, Eulício Farias de. *As Filhas do Arco-Íris*. São Paulo: Ática, 1980.
- PELLEGRINI, Tânia. Uma Área de Sombra. IN: *Gavetas Vazias: Ficção e Política nos anos 70*. São Carlos: EDUFSCar – Mercado de Letras, 1996, p. 3-31.
- ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Educ, 2000.